



DÉBORA JACINTHO DE FARIA

**A PERCEPÇÃO DO CONCEITO DE ‘CRISE’ PARA
FERNAND BRAUDEL E REINHART KOSELLECK
UM EXERCÍCIO A PARTIR DO CONCEITO DE MATRIZ
DISCIPLINAR DE JÖRN RÜSEN**

BRASÍLIA - DF



2017



RESUMO

Neste artigo, pretende-se fazer um exercício analisando o tratamento dado ao conceito de ‘crise’ por Fernand Braudel e Reinhart Koselleck, sob o esquema da matriz disciplinar desenvolvida por Jörn Rüsen. A partir desse eixo, intenciona-se verificar as distintas abordagens dadas ao objeto de estudo, além de refletir sobre a proposta metodológica de Rüsen, suas implicações e críticas.

Palavras-chave: Conceitos, Crise, Braudel, Koselleck, Rüsen.

ABSTRAT

In this article, is intend to do an exercise analyzing the treatment given to the concept of 'crisis' by Fernand Braudel and Reinhart Koselleck, under the disciplinary matrix scheme developed by Jörn Rüsen. From this axis, it is intended to verify the different approaches given to the object of study, besides reflecting on Rüsen's methodological proposal, its implications and criticisms.

Keywords: Concepts, Crisis, Braudel, Koselleck, Rüsen.



INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é refletir sobre a proposta metodológica de ‘matriz disciplinar’, desenvolvida por Jörn Rüsen, a partir da abordagem dada ao conceito de ‘crise’ por Fernand Braudel e por Reinhart Koselleck. Intenciona-se construir um comparativo entre os dois autores, nesse aspecto, de forma a fazer um exercício com os elementos norteadores de Rüsen e sua possível aplicabilidade na historiografia, assim como críticas ao modelo.

Segundo Assis, a teoria da história de Rüsen “se apresenta como o estudo dos fundamentos da ciência histórica” (ASSIS, 2003, p.1) e se preocupa em conectar os fundamentos das ciências humanas com os contextos da vida prática. Rüsen apresenta, através da matriz disciplinar, as interações entre as demandas por conhecimento do passado e a produção de conhecimento histórico. No entanto, tal perspectiva não é singular; outros teóricos procuraram entender as relações que provocam a construção da escrita da história e a escolha de objetos.

No primeiro tópico, será esclarecida a concepção da matriz disciplinar proposta por Rüsen, explicando sua construção e os seus cinco fundamentos, que são: interesses, ideias, métodos de pesquisa empírica, formas de apresentação e funções de orientação. O autor desenvolve esse conceito a partir das análises sobre a importância da teoria da história e da busca por uma cientificidade na construção do conhecimento histórico. De acordo com Assis (2003, p.2):

Qualquer história – e, nesse sentido, mesmo aquelas produzidas de acordo com os cânones da ciência da história – faz repercutir demandas por orientação e sentido na medida em que as incorpora enquanto fator constitutivo de sua elaboração e responde a elas com saberes acerca do passado, os quais, por sua vez, podem ser utilizados nos processos de construção de identidades que estão na base da determinação do agir humano conduzido no presente com vistas ao futuro. É justamente a percepção de que o conhecimento produzido pela ciência da história pode ser utilizado para responder a uma pergunta sobre o que são os seres humanos (ou um homem, ou um grupo humano) – e, conseqüentemente, para definir o quadro de orientação com base no que o agir humano se processa – que tem guiado os esforços de caracterizar os resultados costumeiramente obtidos nesse campo de investigações intelectuais como resultados portadores de qualidades que não são exclusivamente empíricas.

No segundo tópico, será elucidado o tratamento dado ao conceito de ‘crise’ na obra *A Dinâmica do Capitalismo*, de Fernand Braudel. O autor, nesse livro, analisa o desenvolvimento do capitalismo com foco na concepção de tempo de longa duração, e nas ideias da história estrutural. O autor parte da pergunta em que indaga sobre as semelhanças e diferenças do



capitalismo atual com o anterior e, com isso, conecta as crises como parte da estrutura do capitalismo.

No terceiro tópico, será abordado o estudo do conceito de ‘crise’ no verbete de mesmo nome do dicionário de conceitos desenvolvido por Reinhart Koselleck. O autor procura esmiuçar o termo do ponto de vista do léxico, abordando as diferenças de significados e usos que o conceito apresentou ao longo do tempo. Koselleck escreve no mesmo período que Braudel, no entanto, analisa ‘crise’ de maneira diferente do primeiro autor, uma vez que as respostas obtidas – como funções de orientação – apresentam direcionamentos diferentes.

1 A matriz disciplinar de Jörn Rüsen

Segundo Rüsen (2001), uma ‘teoria da história’ consiste na análise da pretensão de racionalidade na ciência da história. A razão história vai além de sua metodização científica, abordando os conceitos de consciência histórica e sua relação com a práxis. O autor procura fazer uma reconstrução das teorias da história, apresentando suas características e seu papel no ofício do historiador.

As questões abordadas na pesquisa histórica tratam do conhecimento histórico como um todo, como um conjunto, e não de aspectos separados. Rüsen (2001) utiliza a analogia das árvores e da floresta: não se tratando de analisar as árvores individualmente, mas sim a floresta inteira, o que não contém somente a soma das árvores, mas a interação entre elas e todo o sistema que é formado. No caso proposto pela teoria, o todo representa a história, mas não só como pesquisa, e sim também como consciência histórica.

No contexto de demandas por sentido, costuma-se haver um exercício de rememoração do passado pelos homens, a fim de poderem tornar o futuro esperável. O ‘pensar histórico’ é algo cotidiano e intrínseco ao fato de se estar no mundo, é uma busca de respostas para as perguntas da vida prática (RÜSEN, 2001). “A constituição da consciência histórica consiste, exatamente, na interpretação da experiência do tempo com respeito à intenção quanto ao tempo, podendo ser descrita como a transformação intelectual do tempo natural em tempo humano” (SILVA, 2011, p.19). Porém, essa busca do passado não significa necessariamente a consciência da historicidade desse passado. Para garantir a validade da história como ciência, é necessária a constituição metódica do pensamento histórico, de acordo com Rüsen (2001).

O autor delimita o objeto da teoria da história como sendo a matriz disciplinar, que seria o “conjunto sistemático dos fatores ou princípios do pensamento histórico determinantes da história como disciplina especializada” (RÜSEN, 2001, p.29). O primeiro dos fatores, o ponto



inicial da construção do conhecimento histórico é chamado de ‘interesses’, que é definido como o ponto de partida que o pensamento histórico toma antes de se constituir como ciência, presente no cotidiano das pessoas, fruto de uma necessidade de se tratar do passado. Esses interesses se formam, segundo o autor, devido a carências de orientação no tempo, que são articuladas como vontade de se conhecer certos aspectos do passado. Silva (2011) afirma que as carências de orientação são fundamentais ao conhecimento histórico à medida em que entrelaçam a vida cotidiana e a ciência especializada.

O segundo aspecto diz respeito às ‘ideias’, que advêm da exigência de critérios de sentido, que regulam o trato dos homens com o mundo e consigo mesmos. As ideias são, nesse sentido, constructos intelectuais, modelos teóricos, que geram uma perspectiva orientadora que articula o interesse com a pesquisa formalizando um campo de questões sobre o qual a o interesse se torna evidente e que torna possível a elaboração de perguntas específicas ao passado para suprir a carência de orientação (RÜSEN, 2001).

As ideias direcionam os interesses, organizam as interpretações e trazem as perspectivas do que se quer saber do passado, transformando-nos em um campo propriamente da ciência da história. Segundo Rüsen (2001), o pertencimento ao passado não necessariamente faz com que o fato se torne histórico; não são todas as ideias que atendem aos requisitos dos métodos de pesquisa e se transformam em conhecimento empírico. No momento da transformação dos interesses em ideias, se fixa o limite da ciência especializada, e essas ideias têm de se relacionar com as experiências do tempo no passado, para que possam ser investigadas metodicamente (RÜSEN, 2001).

Vale ressaltar que o autor se preocupa expressamente com critérios metodológicos sistemáticos, faltando, nesse caso, refletir acerca de outras razões pelos quais eventos do passado tornam-se fatos históricos. Além dos parâmetros necessários para constituir a história como ciência, é importante analisar o contexto em que o historiador se insere, quais as suas motivações individuais e quais as prioridades coletivas da sociedade.

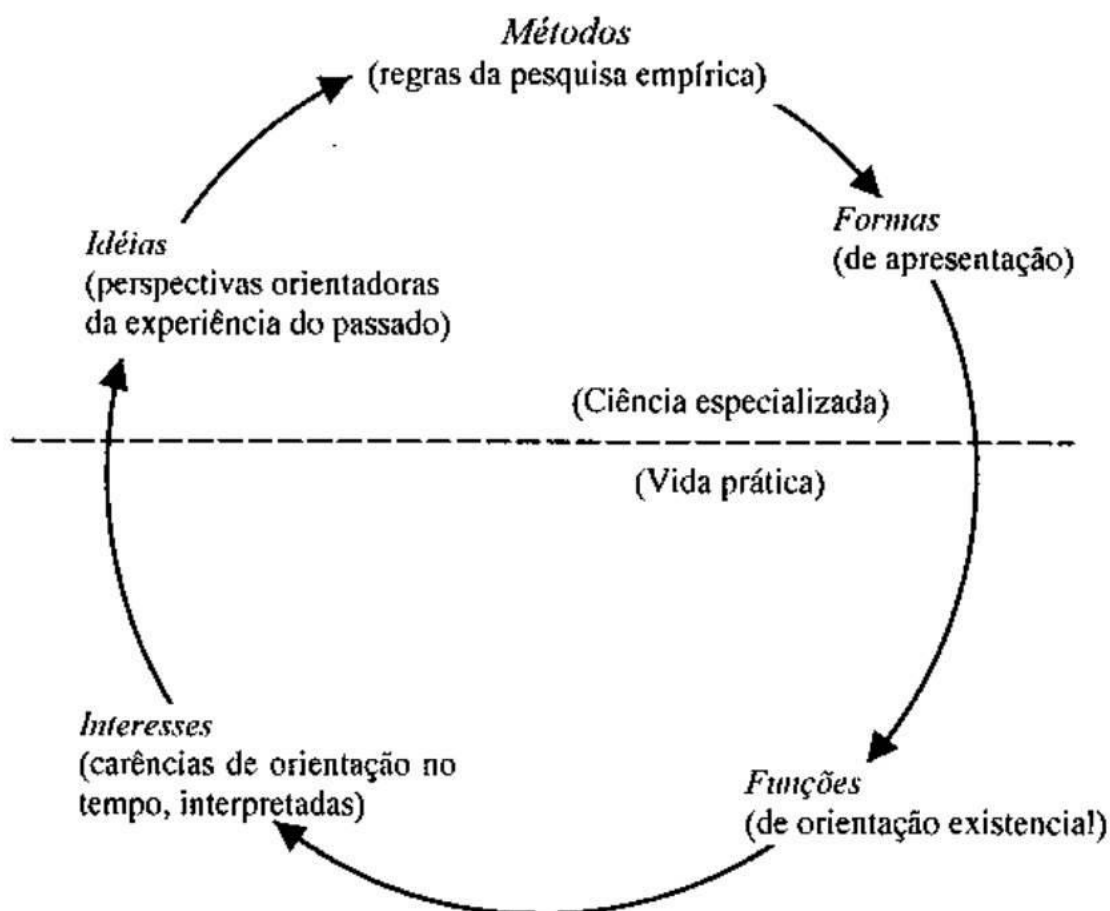
O terceiro fator de Rüsen é o dos ‘métodos da pesquisa empírica’, o que faz com que o conhecimento ganhe fundamentação e caráter empírico. Os métodos de pesquisa empírica constituem nas regras de procedimentos para a obtenção e interpretação dos dados de pesquisa. Mesmo com a empiria, o conhecimento histórico não se esgota, tendo a necessidade de se transformar em historiografia, então, as ‘formas de apresentação’ são consideradas o quarto fator, com importância tão significativa quanto os outros fatores. Nesta etapa, o conhecimento

histórico volta à origem das carências de orientação (as demandas que levam à pesquisa) e o historiador usa a linguagem narrativa como resposta a uma pergunta (RÜSEN, 2001).

Os pressupostos narrativistas são incorporados à teoria da história; Rüsen (2001) reabilita a ideia de narratividade conectada a procedimentos metódicos da pesquisa, reafirmando a importância das formas de apresentação da construção da história a partir da estética e da retórica. Para ele, “a racionalidade cognitiva no caso do pensamento histórico não pode ser isolada de uma racionalidade política e de uma estética” (RÜSEN, 2001, p.151).

Por fim, como quinto de seus fundamentos, tem-se as ‘funções de orientação existencial’. As funções orientadoras serviriam como resposta ao contexto de demandas por sentido, estão conectadas ao modo como se dá a recepção do conhecimento histórico, é a reconexão do saber especializado da ciência à vida prática, que seria a ‘formação histórica’ (SILVA, 2011).

Figura 1 – Diagrama da matriz disciplinar



Fonte: RÜSEN, 2001, p.35.



Percebe-se a interdependência dos cinco fatores na matriz, de modo que em conjunto eles formam um sistema dinâmico de construção do conhecimento histórico. Os fatores são “etapas de um processo da orientação do homem no tempo mediante o pensamento histórico” (RÜSEN, 2001, p.35).

Para o autor, ao estabelecer a matriz disciplinar como orientação da produção científica do conhecimento histórico, elucida-se a conexão entre a história e a vida prática dos homens no tempo e reconhece a contribuição da história como ciência nesse contexto. Além disso, permite a identificação das determinantes elementares do pensamento histórico que constituem a especificidade da história como ciência.

A matriz disciplinar é uma proposta metodológica bastante sistemática. No entanto, pode-se considerar os fatos históricos de forma muito mais fluida do que rígida. As interpretações variam não só de acordo com os vestígios das fontes, mas também com o olhar do historiador, influenciado por seu tempo e suas concepções. Assim, não necessariamente a fórmula proposta será seguida em todas as suas etapas, uma vez que há uma grande subjetividade na produção historiográfica.

Koselleck (2006b) apresenta uma outra visão, mais flexível do que Rüsen, em relação à interpretação das demandas da sociedade na produção de conhecimento histórico. São formuladas as categorias espaço de experiência e horizonte de expectativas e a construção do tempo histórico é feita a partir da relação entre esses dois conceitos, entrelaçando o passado e o futuro. Há preocupação com as experiências humanas, que consiste no passado atual, aquele em que os acontecimentos são lembrados facilmente devido à proximidade. Essas leituras do passado projetam o futuro; as expectativas são o futuro-presente, voltado para o que apenas pode ser previsto. Pode-se afirmar que as interações entre experiência e expectativa são decisivas para a definição do que é considerado um fato histórico em cada tempo.

O autor pretende um certo grau de generalidade nas categorias, mas afirma que seu uso é necessário. O passado é apropriado pelo presente e cada historiador trabalha as categorias de acordo com as especificidades do objeto. A história, então, apresenta-se como sendo mais do que apenas a narração de eventos do passado, e sim na vinculação entre as experiências e o que se espera do futuro.

2 O conceito de ‘crise’ na obra *A Dinâmica do Capitalismo*, de Fernand Braudel

Fernand Braudel foi um dos principais autores pertencentes à segunda geração da Escola dos Annales (que se concentrou entre os anos de 1946 e 1969). Segundo Barros (2012), o



contexto geral dessa geração é de expansão econômica, é uma era chamada de ‘anos de ouro’, momento em que há um novo impulso das ciências sociais, que exerceriam grande influência na nova historiografia.

Braudel exercita o diálogo com as ciências econômicas, especialmente com o conceito tempo conjuntural e cíclico. Incorpora o modelo de história estrutural, em que desenvolve o conceito de ‘longa duração’, a partir das noções de permanência e mudança dos acontecimentos (BARROS, 2012). Braudel (1969) propõe a alteração do tempo histórico tradicional (essencialmente pautado no curto prazo) e uma nova forma de narrativa histórica, construindo uma história de longa, e mesmo de longuíssima duração – os eventos anexam um tempo muito superior à sua própria duração. O tempo não seria somente a soma de dias, e sim incorporaria outras medidas muito mais amplas, como a progressão demográfica, o movimento salarial, variações de taxas de juros, e essas variáveis representariam a longa duração.

Braudel (1987), na obra *A Dinâmica do Capitalismo*, escrita originalmente em 1977, afirma que a historiografia, em constante evolução, incorpora, ainda que lentamente, as outras ciências do homem. Assim, em uma análise que agrega os conceitos da economia à produção de conhecimento histórico, apreciando assim alguns preceitos da história econômica, explorando o desenvolvimento do capitalismo.

O autor conceitua a história econômica como sendo a história dos grandes atores, dos grandes acontecimentos, das conjunturas e das crises; é considerada como estrutural e evolui lentamente ao longo dos tempos. Para organizar os fatos e interpretações da história de quatro séculos do mundo, Braudel escolheu tratar dos equilíbrios e desequilíbrios profundos do longo prazo (BRAUDEL, 1987). A partir desses conceitos, o autor desenvolve a ideia de ‘crise’.

Estudando a obra do ponto de vista da matriz disciplinar de Rüsen (2001), percebe-se que o ponto de partida do conhecimento histórico produzido por Braudel é o interesse em relatar o desenvolvimento do capitalismo, tema recorrente no contexto da Guerra Fria. Essa foi uma guerra de embates ideológicos entre dois blocos: o dos Estados Unidos (capitalista) e o da União Soviética (socialista). Nesse período, muito se discutia academicamente sobre a eficiência e desenvolvimento dos dois sistemas, e então havia demanda social em se estudar o desenvolvimento do sistema capitalista.

A pergunta base é a comparação do mundo e do capitalismo atuais com o mundo e o capitalismo de origem, desenvolvendo as evoluções que aconteceram. Braudel (1987) procura vincular o capitalismo, a sua evolução e seus meios, a uma história geral do mundo. Essa meta de estabelecer uma história de longo prazo já havia sido ambicionada por autores anteriores



como Marx e Toynbee, que já começavam a ser criticados pelas suas pretensões generalista com poucas evidências empíricas. De acordo com Rüsen (2001), para que os interesses se transformem em conhecimento histórico, há a exigência de critérios de sentido. A ideia percebida em Braudel (1987), então, é a articulação da análise do desenvolvimento do capitalismo a partir do eixo do longo prazo, em que discute as formações de equilíbrios e desequilíbrios no sistema capitalista. Essa seria, portanto, a formação o segundo fator da matriz disciplinar: suas ideias.

Em resumo, o primeiro fator é o interesse em estudar o desenvolvimento do capitalismo, seguido da limitação do objeto a ser estudado de acordo com um eixo de ideias que possibilita a transformação dos fatos do passado em conhecimento histórico científico, para que sejam passíveis de aplicação de método empírico de pesquisa. Esse ponto, no entanto, merece reflexão acerca das intenções do historiador: a escolha do objeto não necessariamente é guiada puramente pela possibilidade de aplicação em regras metodológicas, mas sim também por outros fatores relevantes, como por exemplo ‘demandas sociais’ (PROST, 2014).

Como métodos de pesquisa empírica, Braudel (1987) analisa as variáveis que compõem o conceito de ‘longa duração’ para a formulação das questões e os objetos a serem investigados. Aborda questões como variações demográficas, técnicas de trabalho dos homens, a evolução da moeda e das cidades, os mercados e feiras ao longo dos séculos, as bolsas e as diversas formas de crédito. Para o autor, não se pode pensar apenas no tempo curto e nos principais atores, há outros silenciosos que promovem a evolução da história (BRAUDEL, 1969), e assim parte da análise da vida material do cotidiano das pessoas para pensar o desenvolvimento do capitalismo.

O autor afirma, em suas conclusões, que o capitalismo prosperou sobre a economia de mercado, e utiliza o termo ‘capitalismo’ para uma época em que não se reconhecia o conceito, para que se diferenciasse do termo ‘economia de mercado’ (BRAUDEL, 1987). Para ele, não há uma ruptura total entre o passado e o presente, então, apesar de ter consciência da ambiguidade e anacronismo do conceito, há alguns processos entre os séculos XV e XVIII que necessitam de uma designação especial. Nesse sentido, Braudel (1969, p.59) demonstra influência que teve de Lucien Febvre, quando o cita na obra História e Ciências Sociais: A Longa Duração, “história ciência do passado, ciência do presente”.

Braudel (1987) conclui a obra analisando que a natureza do capitalismo não mudou radicalmente, comparando o atual (do seu contexto da década de 1970) com o de antes. O mundo e o capitalismo atuais mudaram de envergadura e proporções com relação ao mundo e



capitalismo antigos, porém a base permanece, ajustando-se às dimensões ampliadas de troca e meios. O autor explica essa resposta afirmando que o capitalismo ainda se assenta sobre uma exploração de recursos e das possibilidades internacionais, apoia-se em monopólios e não consegue abarcar toda a economia (há uma tripartição: vida material, economia de mercado e economia capitalista).

Como forma de apresentação, Braudel (1987) utiliza a narrativa, organizando suas ideias de forma linear e mostrando os resultados de sua pesquisa de maneira a apresentar as etapas do desenvolvimento do capitalismo até chegar no contexto atual. O autor aplica os conceitos de longa duração e estruturalismo à pesquisa empírica sobre a evolução do capitalismo e apresenta os argumentos utilizando amostra de dados e comparando fatos.

As funções de orientação são a etapa em que há a resposta à pergunta apresentada, e em como essa resposta chegará aos receptores. É a explicação da racionalidade da história como ciência e o encontro aos interesses (carências de orientação). Braudel (1987) conclui que as crises são processos atrelados à natureza do capitalismo, e volta suas repostas ao próprio sistema capitalista e em como ele se desenvolveu e se aprimorou até o contexto atual, aproximando as semelhanças entre o capitalismo de ontem e o de hoje, como ele afirma. Assim, parece não pensar na ideia do conceito de ‘crise’ e em como as pessoas o pensavam antes e depois (como Koselleck procura fazer, detalhado no próximo tópico), volta a interpretação do conceito de crise às estruturas do capitalismo, não o explorando nas questões de linguagem.

3 O conceito de ‘crise’ em Koselleck

Reinhart Koselleck foi um dos mais importantes historiadores alemães do pós-guerra, destacando-se como o principal teórico da história dos conceitos (em alemão, Begriffsgeschichte). Tem-se como objetivo analisar o verbete *Crise*, presente na obra *Geschichtliche Grundbegriffe - Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland* (Conceitos básicos de história – um dicionário sobre os princípios da linguagem político-social na Alemanha), da qual Koselleck é um dos principais organizadores, publicado em Stuttgart entre 1972-1997 em nove volumes.

Para o planejamento para a realização da pesquisa empírica deste dicionário de conceitos, Koselleck (1992) afirmou que fez escolhas de palavras que seriam relevantes do ponto de vista da história dos conceitos. Assim como Braudel, Koselleck escreve sobre crises no período da Guerra Fria, e tem o interesse em aproximar o conceito das situações atuais do cotidiano.



Koselleck (2006a) aborda o conceito de ‘crise’ do ponto de vista de sua evolução léxica. Seus interesses são diferentes dos de Braudel, seu ponto de partida é pensar ‘crise’ não só como um conceito da história e economia, mas analisar toda a evolução do termo ao longo do tempo. O autor propõe uma análise do aspecto linguístico e da história dos conceitos, pensando como o termo foi usado ao longo do tempo. O interesse central é, então, o estudo de ‘crise’ como conceito na linguagem, e sua ideia (perspectiva orientadora da experiência do passado) é analisar a evolução léxica da palavra em diferentes idiomas – quando as experiências do passado se convertem em experiência histórica.

Como métodos de pesquisa empírica, que são o exercício de investigação da experiência concreta do passado, Koselleck (2006a) interpreta a utilização do termo em várias obras e autores, comparando o uso e significado atribuídos. Assim, o autor constrói a narrativa a partir de relatos do uso da palavra e da concepção dos significados que adquiriu ao longo do tempo. Utiliza pensadores como Tucídides e Aristóteles para avaliar o uso da palavra, assim como trechos da Bíblia, para a concepção do uso do termo nos períodos antigos. Depois, faz um estudo da adoção da palavra nas línguas nacionais da Europa, já nos séculos XV a XVIII, com base em livros de etimologia e relatos do período. Por fim, analisa as atribuições da palavra nos dicionários e léxicas, comparando os significados ao longo dos períodos em inglês, francês e alemão.

O conceito de ‘crise’ surgiu com os gregos, inicialmente nas áreas de teologia, medicina e direito, e transmitia a oposição de escolhas entre alternativas extremas. Estaria presente em todas as áreas da vida, inerente à demanda por decisões e escolhas. A partir do século XVII, o termo expandiu-se para a política, economia, história e psicologia, sendo posteriormente bastante aplicado em referências às Revoluções Francesa e Americana. Na História, segundo o autor, ‘crise’ passaria a representar um novo senso de tempo, indicando e intensificando o fim de um período (KOSELLECK, 2006a).

No sentido político, ‘crise’ seria um desdobramento do sentido médico – a ‘metáfora do corpo’, identificando o ‘corpo político’. Através do uso da palavra em inglês, francês e alemão, o conceito se expandiu para as esferas da política interna e externa, assim como da economia. No processo, adquiriu uma dimensão histórica que continuou a basear-se em seus originais sentidos médico e teológico (KOSELLECK, 2006a).

Para o final do século XVIII, Koselleck (2006a) aponta a existência de três sentidos para a palavra ‘crise’ em alemão: mudança no curso de uma doença; ponto decisivo no tempo e



situação alarmante. A extensão de significados do termo entrou primeiro através da linguagem política e, posteriormente, na economia.

As interpretações econômicas para o conceito de crise datam da metade do século XIX, e foram vistas como ocorrências causadas pelo próprio sistema capitalista. Teorias de crises econômicas começam a influenciar percepções políticas e sociais. Com isso, ‘crise’ passa a aparecer como um conceito chave na história, usado para caracterizar períodos ou estruturas. O conceito de crise se tornou, então, o fundamental modo de interpretação do tempo histórico, englobando períodos de transição críticos que representam mudanças (KOSELLECK, 2006a).

O autor utiliza, como forma de apresentação, o estilo de verbete de dicionário, para deixar suas ideias claras sobre como o conceito se alterou ao longo do tempo, e explicar as formações de linguagem e léxica. Koselleck (2006a) sistematiza sua pesquisa em definições e comparações de significados.

O autor se preocupa com a formulação de conceitos para pesquisas históricas e, mostrando a evolução de significados, tem como objetivo prevenir o uso errôneo de palavras para determinadas épocas e o anacronismo. O interesse parte da necessidade de se estudar o conceito de crise, uma vez que é um tema recorrente em seu contexto da década de 1970, mas suas conclusões diferem de Braudel (1987), no sentido de que apresenta o uso e as concepções do termo, e suas mudanças ao longo do tempo. Como função de orientação, Koselleck (2006a) então se preocupa com a percepção do conceito de crise e sua repercussão na sociedade. Dessa forma, sua proposta é diferente da de Braudel; enquanto Koselleck analisa a mudança de significados e usos do conceito (ou seja, é a finalidade em si da pesquisa), Braudel o utiliza para explicar o desenvolvimento do capitalismo (como instrumento).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambos os autores, Fernand Braudel e Reinhart Koselleck, estudam o conceito de crise, com os interesses influenciados por um mesmo contexto sociopolítico, no período da década de 1970, à luz da Guerra Fria. Porém, suas ideias se diferem, a forma como conduzem a pesquisa empírica e também suas formas de apresentação e funções de orientação. O principal ponto a se refletir nesse sentido é a distinta abordagem em relação ao conceito: com Koselleck (2006a), é o objeto de pesquisa, enquanto que Braudel (1987) o analisa como parte de seu objeto maior, o capitalismo e suas dinâmicas.

Considerando a matriz disciplinar de Jörn Rüsen (2001), pode-se concluir que a principal diferença na abordagem do conceito de ‘crise’ pelos dois autores diz respeito às funções de orientação, na resposta dada à pergunta e na relação com os objetivos de recepção da tese. As funções de orientação existencial, o quinto fundamento da matriz, se ligam e retornam ao primeiro fundamento, os interesses, na medida em que fornecem as respostas às indagações de carência de orientação e se concretizam como conhecimento histórico científico, atendendo às demandas de conhecimento do passado de forma sistemática.

Com o exercício metodológico feito, no entanto, cabe ponderar que a proposta feita por Rüsen (2001) é, apesar de coerente, passível de críticas, especialmente considerando sua rigidez. Foi um modelo pensado para encaixar de forma geral em qualquer pesquisa historiográfica, no entanto, falta análise acerca de temporalidade e sua relação com a produção de conhecimento. Nesse caso, Koselleck (2006b), apresentando as categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa, alcança parâmetros de tempo concomitantemente à investigação da formação dos fatos históricos. Ademais, por ser mais flexível do que Rüsen (2001), cabendo ao historiador adaptar as formas de se trabalhar com as categorias.

Outrossim, pode se inferir, a partir dos estudos acerca da matriz disciplinar de Rüsen, que o método apropriado é a etapa mais importante da produção historiográfico, considerando que é o que confere o caráter científico da disciplina. Contudo, cabe apontar Prost (2014, p.75):

Não existem fatos, nem história, sem um questionamento; neste caso, na construção da história, as questões ocupam uma posição decisiva. [...] a história não pode definir-se por seu objeto, nem por documentos. [...] não existem fatos históricos por natureza; além disso, o campo dos objetos, potencialmente históricos, é ilimitado.

Dessa forma, adicionalmente ao modelo metodológico, o historiador deve se atentar a questões que podem ser feitas à fonte. A produção de conhecimento histórico tem etapas mais complexas do que uma fórmula metodológica, é necessário avaliar as motivações e contexto,



além de relacionar as perguntas feitas aos documentos e vestígios disponíveis. Ademais, há a designação da produção conforme sua pertinência científica e pertinência social. Segundo o autor, “a profissão de historiador é que decide a aceitabilidade de determinada história e fixa os critérios de apreciação” (PROST, 2014, p.83), mas que também é estritamente ligada ao contexto social em que se insere.

Por fim, a partir das análises deste ensaio, percebe-se que a teoria metodológica proposta por Rüsen (2001) a partir de uma matriz disciplinar pode ser trabalhada para a construção de conhecimento histórico, porém, considerando-se que a atividade de pesquisa não se esgota nela. O autor procurou sistematizar a teoria e metodologia existentes em um modelo pragmático coerente, no entanto, deve-se atentar a outros fatores relevantes, como as temporalidades e as questões formuladas pelos historiadores às fontes.



REFERÊNCIAS

ASSIS, Arthur Oliveira Alfaix. “Testando” uma teoria da história: a concepção de matriz disciplinar da ciência histórica de Jörn Rüsen à prova da historiografia de Sergio Buarque de Holanda. In: **Anais do XXII Simpósio Nacional de História: História, acontecimento e narrativa**. João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/?p=17867>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

BARROS, José D’Assunção. Fernand Braudel e a segunda geração dos Annales. **História em Reflexão**. Dourados, Vol. 6, No. 11, p. 1-18, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/10884656/Fernand_Braudel_e_a_segunda_gera%C3%A7%C3%A3o_dos_Anales>. Acesso em: 30 nov. 2016.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

_____. **A Dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 5, No. 10, p. 134-146, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1945/1084>>. Acesso em: 06 dez. 2016.

_____. Crisis. **Journal of the History of Ideas**, Pennsylvania, Vol. 67, No. 2, p. 357-400, 2006a. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30141882>>. Acesso em: 03 dez. 2016.

_____. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006b.

PROST, Antoine. **Doze Lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica** – Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Reconstrução do Passado** – Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007a.

_____. **História Viva** – Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007b.

SILVA, Rodrigo Chaves da. Matriz Disciplinar de Jörn Rüsen: Uma reflexão sobre os princípios do conhecimento histórico. **Revista Outros Tempos – Dossiê História e Literatura**. São Luís, Vol. 8, No. 11, p. 15-40, 2011. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/68/54>. Acesso em: 25 nov. 2016.